



Jezuina Kohls Schwanz¹

RESUMO: Este artigo apresenta relatos de vida de Zilda Maciel de Abreu Vicente, neta de Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, “a Baronesa dos Três Serros”. Trazendo considerações a cerca de sua infância e adolescência na cidade de Pelotas nas duas primeiras décadas do século XX. Testemunha de duas viradas de século, Zilda, aos 102 anos idade, reconstrói trechos de sua trajetória e de sua família, a fim de elucidar fatos a respeito das representações feitas em torno dessa figura enigmática que foi a Baronesa dos Três Serros. Os evocadores de memória são parte fundamental no processo de rememoração da rainha centenária, que tem durante a Belle Époque as principais lembranças de sua vida em sociedade, como neta de Barões.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Representações.

GUARDIAN OF MEMORIES: TALES FROM A CENTENARY QUEEN²

ABSTRACT: This article presents the life stories Zilda Maciel de Abreu Vicente, granddaughter Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, “Baroness off Three Serros.” Bringing considerations about his childhood and adolescence in the city of Pelotas in the first two decades of the twentieth century. Witness two turns of the century, Zilda, to 102 years old, rebuild parts of his career and his family in order to clarify facts about there presentations made about this enigmatic figure who was Baroness of Three Serros. The evocative memory is a key part in the process of remembering the centenary Queen, who has during the Belle Epoque main memories of his life in society, as the granddaughter of the Barons.

Keywords: Oral History. Memory. Representation.

GUARDIÁN DE RECUERDOS: INFORMES DE UNA CENTENARIO REINA

RESUMEN: En este artículo se presenta historias de vida de Maciel Zilda Vicente de Abreu, nieta Amelia Antunes Maciel Hartley de Brito ", Baronesa de Tres Serros". Llevar consideraciones sobre su infancia y adolescencia en la ciudad de Pelotas, en las dos primeras décadas del siglo XX. Testigo de dos vueltas de siglo, Zilda, a 102 años de edad, reconstruye las partes de su carrera y su familia con el fin de dilucidar los hechos acerca de las representaciones hechas sobre esta enigmática figura que era la baronesa de Tres Serros. El recuerdo evocador son una parte fundamental en el proceso de

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação na linha de Filosofia e História da Educação da Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL, Especialista em Memória, Identidade e Cultura Material/ UFPEL e Graduada em Pedagogia também pela mesma instituição.

² Este texto é parte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade federal de Pelotas no ano de 2011, trabalho intitulado “A Chácara da Baronesa e o imaginário Social Pelotense”.



recordar Centennial Reina, que tiene en los recuerdos de Belle Époque principales de su vida en la sociedad, como la nieta de barones.

Palabras-clave: Historia Oral. Memoria. Representaciones.

LEMBRANÇAS DE UMA NETA DE BARÕES

Ele faz as perguntas e eu respondo, porque eu me lembro de tudo! (ZILDA, 2002)

O "lembrar de tudo", para Zilda Maciel, nos aponta para o que iremos ouvir ao longo de duas horas de depoimento dado ao Prof. Fábio Cerqueira³, já em idade avançada, aos 102 anos, em 2002, poucos meses antes de morrer. As palavras transcritas no papel não são capazes de transmitir a vivacidade de sua memória e o seu entusiasmo, perceptíveis apenas quando se houve as fitas cassete em que o depoimento foi gravado. O local da entrevista é a casa da depoente no Rio de Janeiro, casa repleta de objetos evocadores de memórias, lembranças de um século de vida, de tempos memoráveis, de uma época distante.

A imaginação [...] ocupou as lacunas de sua memória: em sua narrativa tudo parece merecer fé, uma mesma luz parece iluminar todas as paredes; mas as fissuras se revelam quando as consideramos sob um outro ângulo. (HALBWACHS, 1990, p. 77)

Ao adentrarmos no universo de Zilda devemos levar em conta que ao narrar

Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmo, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz. (HALBWACHS, 1990, p. 47)

Zilda Maciel nasceu em 1899, conforme relata: “eu nasci lá em Pelotas, lá na casa. E tenho amor lá. Nasci, e lá me casei”. A partir daí, relata com riqueza de detalhes fatos acerca de sua infância e adolescência na cidade de Pelotas, na região meridional

³ Fábio Vergara Cerqueira é Professor Doutor do Curso de História da Universidade Federal de Pelotas.



do Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século XX. Testemunha de duas viradas de século, Zilda, reconstrói trechos de sua trajetória e de sua família, a fim de elucidar fatos a respeito das representações feitas em torno dessa figura que foi sua avó, a Baronesa dos Três Cerros, e da casa em que viveu.

De acordo com Perrot, a casa da infância seria um “cenário da vida privada e das aprendizagens mais pessoais, tópico das recordações de infância, a casa é o sítio de uma memória fundamental que nosso imaginário habita para sempre”. (PERROT, apud BOTTMANN, 2009, p.299). No momento de transcrição⁴ da entrevista, foi preciso levar em conta os ditos e os não ditos, bem como as intencionalidades tanto do entrevistador quanto da entrevistada.

Apesar de buscar respostas sobre a casa e a família, as perguntas não são fechadas, deixando sempre um espaço para a rememoração. Daí a importância de uma metodologia adequada de história oral, através da qual a coleta de dados propicie a leitura dos dados a partir de um contexto histórico, buscando algumas possíveis representações do passado vivido.

Como a própria Zilda disse, “a casa da vovó era um castelo”, e ela a princesa do mesmo. Ao ser inquirida sobre a casa de seus avós e na qual ela passou boa parte de sua infância e mocidade, percebe-se que as lembranças são repletas de acontecimentos memoráveis. Ao ouvir a primeira fita cassete gravada na entrevista, pode-se perceber a emoção na voz e nos detalhes empregados na fala, que Zilda se transporta para um mundo distante, reconstruindo o seu passado através de sua narrativa.

Questionada a respeito de suas lembranças sobre o *Solar da Baronesa*, a depoente relata com detalhes os móveis e diferentes cômodos da casa, como se fizesse um mapa mental da chácara. Os detalhes da casa são rememorados com o auxílio do entrevistador, mas também através dos objetos de memória, presentes no local da entrevista, sua sala.

E o espelho de lá está aqui, ali na sala. Aquele espelho é o mesmo, que era da vovó, da sala de jantar. Eu quis trazer pra cá depois que ela faleceu, meus dois avós, e eu herdei esse espelho da chácara diretamente. Quer dizer que

4 Segundo Meihy, transcrição é uma mutação, “ação transformada, ação recriada” de uma coisa em outra, de algo que, sendo de um estado da natureza se torna outro... a palavra varia da forma oral para a escrita... e assim se justifica as diversas variações de uma mesma fonte... (MEIHY, 2007, p.133).



veio em viagem toda especial, veio acolchoado pra não quebrar nenhuma peça. Eu empreguei uma companhia, aquela do... Naquela ocasião, foi perfeito, não quebrou nenhuma mãozinha da escultura, uma maravilha.⁵

Zilda viveu sua mocidade durante a *Belle Époque*⁶, em constantes viagens de vapor entre Pelotas e o Rio de Janeiro. Segundo ela, “para visitar a capital, fazer compras e principalmente fugir do inverno cortante de Pelotas”. Nessa época, entre as décadas de 1910 e 1920, o Rio de Janeiro era a cidade do país onde tudo acontecia, a moda refletia os padrões franceses e Pelotas seguia o ritmo da capital. Segundo Denise Marroni dos Santos, “na cidade de Pelotas, no decorrer do século XIX até o princípio do século XX, verificou-se que as vogas femininas chegavam diretamente da capital francesa, concomitantemente aos seus lançamentos” (SANTOS, 2009, p. 95).



Imagem 1. Zilda, junho de 1918. De acordo com a descrição no verso da fotografia, Zilda foi a primeira mulher a voar no Rio Grande do Sul. Acervo MMPB.

Retomando as memórias de Zilda Maciel acerca de sua infância, ela referiu que:

[...] todos eles adoravam lá a chácara, e eu era muito querida, eu tinha muito festejo. Eu era mocinha, tratava todo mundo igual, eu nunca tive, graças a Deus, eu nunca tive altivez de coisa nenhuma, e sempre fui desprendida, de maneira que eu era muito querida de todos.⁷

⁵ *Zilda Maciel, *op cit.*

⁶ Costuma-se definir *Belle Époque* como um período de pouco mais de trinta anos que, iniciando-se por volta de 1880, prolonga-se até a Guerra de 1914. Mas essa não é, logicamente, uma delimitação matemática: na verdade, *Belle Époque* é um estado de espírito, que se manifesta em dado momento na vida de determinado país. No Brasil, situa-se entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana da Arte Moderna em São Paulo, sendo precedida por um curto prelúdio – a década de 1880 – e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925. (LAVER, 1989, p. 213)

⁷ *Zilda Maciel, *op cit.*



Aqui devemos levar em conta o lado auto-promotor de quem narra, afinal o discurso do indivíduo é apenas um ponto de vista do real, devemos pois levar em conta os diferentes níveis que compõe a memória individual e a carga afetiva de quem lembra. A reminiscência depende como diria Halbwachs dos quadros sociais em que cada indivíduo encontra-se mergulhado no instante em que o passado é evocado. A partir dessas experiências vividas socialmente o indivíduo é capaz de inventar novas imagens e sensações sobre o vivido, incorporando-as em suas narrativas como fatos realmente vividos. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p.203-205)

De acordo com Aníbal, filho de Zilda, ela cursou o primário e o ginásio no Colégio Sion no Rio de Janeiro⁸, mas devido às temporadas em que sua família passava os verões em Pelotas e os invernos no Rio, Zilda não completou seus estudos “eu não pude ser coroada, naquele tempo terminava o ginásio e era a coroação, tinha que fazer o curso todo e eu não pude fazer porque justamente os meus pais passavam os verões na chácara.”⁹

Além dos avós nobres¹⁰, seus pais Lourival e Amélia eram figuras constantes nos jornais da época. Deste modo, Zilda foi eleita rainha do Clube Diamantinos¹¹ no ano de 1917. Quando rememora esse fato, a sua voz muda de entonação, a emoção parece tomar conta de sua fala:

Eu fui convidada para ser a rainha, porque eu era muito querida, o pessoal me adorava e eu adorava Pelotas. Eu era uma pessoa que tinha, modéstia à parte, um prestígio enorme, porque todas as camadas sociais, desde o presidente até os mendigos que vinham lá em casa, todo mundo eu recebia com muito

⁸ O Colégio Nossa Senhora do Sion, criado em 1901 com a ajuda do então governador da província Rodrigues Alves, e materializado num imponente edifício na Avenida Higienópolis no Rio de Janeiro. O grupo social que procurava esses colégios femininos se caracterizava pela longevidade de sua fortuna: tratava-se da mais antiga elite econômica do País e distinguia-se pela posse de diferentes tipos de capitais, acumulados ao longo de várias gerações: capital cultural, social, político e simbólico, muitas vezes expresso apenas pela presença de um sobrenome conhecido. (PINÇON; PINÇON, 1998).

⁹*Zilda Maciel, *op cit*.

¹⁰ Aqui refiro-me ao título de nobreza do casal.

¹¹ O Clube Diamantinos foi fundado em 8 de abril de 1906, originalmente seu nome era Clube Carnavalesco Diamantinos, surgiu com princípios carnavalescos estreando para a sociedade pelotense no carnaval de 1907. O clube foi um marco no carnaval de Pelotas e de todo o estado, contando com elaboradas festividades ao longo de todo o ano o que se intensificava a partir do mês de dezembro. Uma das festividades mais populares e mais reconhecidas do clube era a escolha da rainha. O clube contava com um amplo apoio da imprensa escrita o que fazia de suas eleitas notícia certa nos jornais do início do século XX. Fonte: <http://clubediamantinos.com.br/historia>, acessado em 20 de julho de 2010.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

GUARDIÃ DE MEMÓRIAS: RELATOS DE UMA RAINHA CENTENÁRIA

carinho. De maneira que lá também havia a vila, porque eu era uma pessoa que agradava todo mundo, eu tinha prazer de viver, então eu não tinha classe, os empregados me adoravam, todo mundo me adorava e eu também queria muito bem a todos. Claro, pois eu fui rainha. Eu fui rainha uma vez, com o clube e depois toda a vida.¹²

De acordo com o Diário Popular, comemorativo aos 85 anos do Clube Diamantinos, “a coroação de suas rainhas eram verdadeiros *festivals de arte*, apresentados no Sete de Abril e mais tarde no Teatro Guarany¹³. Zilda foi coroada no final de janeiro de 1917 no Teatro Sete de Abril, o mesmo jornal faz referencia a sua chegada de navio depois do seu retorno do Rio de Janeiro,“ Foi algo nunca visto! Quando o navio aportou em Rio Grande, uma delegação a esperava no cais. No trajeto foi saudada por centenas de pessoas”.¹⁴

A respeito de sua coroação a Baronesa se refere em algumas cartas entre 1916 e 1918, anos em que foi eleita e em que passou o título. “Como Rainha Avó, penso em assistir a coroação da Rainha e ao melhor carnaval do país, e tomar parte, no seu *triumpho...*”¹⁵

¹² Zilda Maciel, *op cit.* Grifo da autora.

¹³ A festa acontecia nos teatros, pois só no ano de 1941 o Clube adquiriu sede própria na rua Gonçalves Chaves onde permanece até hoje.

¹⁴ O Diário Popular de 6 de abril de 1991 (material de apoio MMPB), ainda tem uma matéria exclusiva com “ A eterna Rainha” Zilda Antunes Maciel, onde ela aos 91 anos rememora acontecimentos marcantes do seu reinado. O mesmo jornal traz uma matéria sobre sua irmã Déa, fazendo alusão ao seu reinado no ano de 1928.

¹⁵ Carta do Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1916.



**Imagem 2. Zilda ao centro do carro. Carnaval de 1917.
Acervo MMPB.**

Zilda participou de diferentes concursos de beleza em Pelotas, Porto Alegre e Rio de Janeiro, a fama que conquistou com o título de rainha do Clube Diamantinos, lhe rendeu várias reportagens nos jornais locais e estaduais. Tais concursos eram bastante frequentes no Brasil nas duas primeiras décadas do século XX.

O excesso de perfeição exigido às mulheres resultaram em inúmeros concursos promovidos pelas revistas de variedades, jornais e clubes sociais. Os temas desses concursos eram de eleger a moça mais bela, a mais culta, qual delas se comportava melhor em público. Moças pertencentes à elite, usavam seus atributos para através de um “espírito apetrechado de beleza, conhecimentos gerais e sólidas noções de arte, de literatura... as que sabem fazer pintura...que recitam primorosamente...” (MALUF e MOTT, apud NOVAIS, 1998, p. 396).

Na contracapa da revista encontramos a seguinte descrição:

A nossa capa

Ilustra a nossa capa a figura angélica de Zilda Maciel. Eil-a a distribuir aos nossos eleitores o seu mágico sorriso. Acreditamos que esse riso encantador será um atractivo de innumeras sympathias para a nossa modesta revista, regiamente ornada. Agradecemos á bella e distincta patrícia a honra que se dignou generosamente conceder á Illustração, que se ufana de ser portadora de tanta belleza.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

GUARDIÃ DE MEMÓRIAS: RELATOS DE UMA RAINHA CENTENÁRIA

Diretor Dr. Bruno de Mendonça Lima¹⁶

O Concurso Chic foi promovido pelo jornal A Opinião Pública, onde em cada edição vinha um cupom para ser destacado e entregue com o número da candidata preferida, a esse respeito a Baronesa Amélia diz: “*Quizéera* que a Zilda apreciasse, o *enthusiasmo* da *guryrada* aqui com o tal- Concurso Chic- De *manhão* todos querem ler o jornal, para *vêrem* se *ella* está em 1º lugar. Tiram o cupom e mandam...”¹⁷.

Dando fim ao período de glamour dos concursos de beleza, Zilda casa aos 24 anos de idade. Segundo livro de registros do Cartório, Zilda Antunes Maciel contraiu matrimônio com o médico Carlos Florêncio de Abreu e Silva¹⁸ no dia 14 de abril de 1923, na Chácara de seus pais. A cerimônia religiosa foi realizada na Catedral de São Francisco de Paula. Segundo relatos, a festa foi realizada na Chácara dos Barões, em um grande jantar para a família e demais convidados. Após o casamento, Zilda passou a se chamar Zilda Maciel de Abreu Vicente.



**Imagem 3-Casamento de Zilda Antunes Maciel e Carlos Florêncio de Abreu e Silva.
Fonte: Acervo MMPB**

¹⁶ A revista periódica *Ilustração Pelotense* foi criada no ano de 1919 e perdurou até 1926, sendo bastante prestigiada pela sociedade pelotense em geral. Em Pelotas entre o final do século XIX e início do século XX, vários pequenos periódicos foram lançados, como as folhas ilustradas que misturavam sátira social e literatura, como *O Cabrion* (1876-1880) e *A Ventarola* (1887-1889). (LONNER, apud LONNER, GILL e MAGALHÃES, 2010, p. 147-148).

¹⁷ Carta de Pelotas, 2 agosto de 1917. No momento do concurso em questão Zilda encontrava-se com os pais no Rio de Janeiro onde estudava e a sua avó em Pelotas.

¹⁸ Carlos Florêncio de Abreu e Silva era médico, natural de Porto Alegre, foi professor da Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro. Filho de João Vespúcio de Abreu e Silva que foi Senador, engenheiro civil e marechal do exército. Foi deputado e líder da bancada gaúcha.



Segundo Ecléa Bosi, 1994, os idosos relembram certos acontecimentos através de marcos, como casamento e o nascimento de filhos e netos. Ao rememorar seu casamento, Zilda não se atém a data em que aconteceu, mas reconstitui a cerimônia e os preparativos com uma riqueza de detalhes que permitem ao leitor imaginar a cena: “De datas eu não sei. Agora eu já perdi a noção do tempo, eu tenho cento e tantos anos, já perdi a noção do tempo, e não vou a lugar nenhum, e não enxergo¹⁹. Eu já passei dos cem, eu já estou com cento e um, não é?” Ainda de acordo com Bosi (1994), “chamamos atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra”.

Ao encerrar a longa entrevista Zilda faz uma “homenagem” à cidade em que viveu

Eu recebia todo mundo da mesma maneira, sem fazer diferenças das posições, nem nada, sempre recebendo todos de coração, gente muito boa, em todas as camadas, porque os mais pobres ficavam na cozinha e tudo, mas participavam, é engraçado, eram carinhosos, eles participavam da vida da gente, era uma coisa (...). Um povo realmente muito acolhedor.²⁰

Renato Janine Ribeiro, 1997 fala do desejo de perpetuar-se, em suas narrativas “mais do que isso o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória”, Zilda aos 102 anos de idade quase não sai de casa devido ao problema de visão, as visitas não são tão frequentes. Ao encontrar alguém disposto a ouvir sobre o seu passado e de sua família, ela reconstrói suas memórias, sem a “pressão dos preconceitos” e as “preferências das sociedades dos velhos”, podem moldar o passado, recompondo uma biografia individual seguindo a valores e padrões que seriam considerados ideológicos. (BOSI, 1994, p.63)

Para finalizar essa parte gostaria de utilizar uma citação de Philippe Artières: “Narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Ou debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e de seu conteúdo”. (ARTIÈRES, 1998, p.10)

¹⁹ Zilda aos 102 anos de idade era uma mulher bastante ativa apesar de ter dificuldades em enxergar. A baronesa Amélia, em suas cartas também queixa-se de estar perdendo a visão e de ter muitas dores nos olhos.

²⁰ *Zilda Maciel, *op cit.*



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos constatar através dos relatos que Zilda serviu de guardiã dessa memória familiar, preservando cartas, cartões postais, fotografias, recortes de jornais e uma infinidade de documentos, que tornaram essa pesquisa possível. Arquivando a própria vida ela nos ofereceu um material sujeito a muitas interpretações.

A “rainha centenária”, Zilda, fez nascer uma “rainha avó”, como auto denominou-se a baronesa Amélia já quase no final de sua vida. Zilda vivenciou duas viradas de século. Aos 102 anos de idade reconstruiu sua vida e de sua “nobre família”, através de seus relatos. Neles corremos o risco de deixar-nos levar pelo “feitiço das fontes”, seduzidos pelo encantamento e pela clareza expressa nas suas palavras. O “efeito de verdade” produzido por suas narrativas produziu um vasto material de análise, do qual foram apropriados determinados fatos que embasaram esta discussão, outros tantos foram deixados para serem desvelados em trabalhos futuros.

“Ideóloga de sua própria vida” Zilda, teve em sua juventude e “eterna beleza” as suas mais perfeitas recordações. Ao selecionar os fatos a serem narrados dentre seu cabedal de lembranças, ela reconstruiu sua trajetória a fim de dar sentido ao que viveu. A partir da singularidade de seus relatos foi possível perceber valores e comportamentos compartilhados dentro dos domínios da cultura da classe a que pertencia.

Tal como as mulheres de Minot (CANDAU), Zilda ajudou a alimentar a memória da família e da comunidade a partir de suas histórias, funcionando como sociotransmissores dessas memórias. Essas mesmas histórias ao serem contadas e recontadas, foram ganhando novos sentidos, pois cada indivíduo que lembra, o faz de acordo com a sua própria visão do mesmo acontecimento.

“A rainhazinha” como era conhecida, deixou sua marca no imaginário da cidade, sobressaindo-se, junto com sua mãe a avó, aos homens que habitaram o solar da Baronesa. Por meio de seus percursos, escolhas e desejos, os meandros da vida cotidiana em família, em diferentes temporalidades, puderam ser analisados. A salvaguarda dos documentos privados por essas mulheres nos permitiu percorrer os caminhos do mundo feminino do final do século XIX e início do século XX, ainda pouco explorado pela historiografia.



REFERENCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru: Edusc, 2007.

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida* In: Estudos históricos Rio de Janeiro: vol.1, nº28, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CANDAU, Joel. *Memoria e identidad*. Buenos Aires, Del Sol, 2001.

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. *Escritura e Memória na Formação de mulheres entre 1870 e 1940*. In **História e Perspectivas**, Uberlândia, 31: 153-176, jul./Dez.2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

DEL PRIORE, M. (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto; Fundação Unesp, 1997.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de Si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice / Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Michael. *História oral: os riscos da inocência. O direito à memória*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 157-160.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

GUARDIÃ DE MEMÓRIAS: RELATOS DE UMA RAINHA CENTENÁRIA

LONER, Beatriz. “Pelotas se diverte: clubes recreativos e culturais do século XIX”. In: *História em Revista. Pelotas*, v. 8, dezembro de 2002, pp. 37-68.

MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. *História Oral: Como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MUAZE, Mariana. *As Memórias da Viscondessa: família e poder no Brasil Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993.

PERROT, Michelle (org). *História da Vida Privada Vol 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Minha História das Mulheres*. Trad. Ângela M S Corrêa. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As Mulheres, o Poder e a Família*. São Paulo, Século XIX. São. Paulo: Editora Marco Zero & Sec. de Est. da Cultura de São Paulo, 1989.

SCHWANZ, Jezuina Kohls. *O Risco do Bordado: trajetórias de vida de senhoras em fase de letramento*. Monografia apresentada ao Curso de Pós Graduação em Memória, Identidade e Cultura material/ UFPEL, 2006.

THOMPSON, Paul, *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

OUTRAS FONTES:

-Entrevista feita com dona Zilda Maciel Neta da Baronesa dos Três Cerros - Rio de Janeiro. Acervo Museu Municipal Parque da Baronesa/Pelotas/RS.

Recebido em: 26/07/2012
Aprovado em: 03/09/2012